

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Augsburg
ANNO — 24 francos
SEMESTRE — 12 francos
AVULSO — 6 francos por fascículo 24 francos por anno

1º Anno. — Volume 1. — Número 10.

PARIS 20 DE DEZEMBRO DE 1884

Director : MARIANO PIRA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, n. R. da Operátor,
Assinatura

ANNO (Globe)	12.000
SEMESTRE	6.000
ANNO (Periodicos)	14.000
AVULSO	300



A NATIVIDADE

Desenho de J. Wagner. — Gravura de Ch. Baudo

SUMMARIO

Texto: *Chronica*, por Mariano Pinto. — *Vida nova* (poesia), por Alberto d' Oliveira. — *As nossas gravuras*: A Natividade; Clovis Hugues e sua esposa; Uma casa de gelo; Praia d'Icarahy; Madonna; François Coppée; A arte de ser avô; Christmass. — *Sérvilas*, poesia de François Coppée. — *Noite do inverno* (poesia) por Silvestre de Lima. — *A Dóz*, por Fáthio d'Almeida. — *O Garavata*, por Guy de Maupassant. — *Theatros*, por Bassi.

GRAVURAS: A *Natividade*, composição de Wagrez. Clovis Hugues. — A esposa de Clovis Hugues. — Uma casa de gelo construída sobre o Neva. — A praia d'Icarahy (Iapuca), desenho original de K. Villaga. — Madonna, de Gustavo Doré. — François Coppée. — Gravuras extraídas da *Arte de ser avô*. — *Christmass*, scene da vida inglesa, desenho original de Mars.

CHRONICA

(A UMA EDUCANDA)

A Ilustração publica hoje o retrato d'uma senhora que está sendo em Paris o alvo de todas as discussões e de todas as críticas. A historia vai contada mais adiante, n'outra secção do nosso jornal.

E pois que nós temos de falar da educação feminina, devo dizer a V.º Exz., com a maxima franqueza, que o crime de que é autora madame Clovis Hugues é mais uma afirmação terrible dos pessimos resultados que se hão de tirar da pregação da emancipação moral da mulher.

Madame Clovis Hugues será para Paris, para o Paris nevrótico, uma heroína! Talvez que um dia lhe levantem uma estatua. É mesmo muito possível! Essa estatua será o producto d'uma admiração doentia e irreflectida. Mas para nós todos os que falamos estabelecendo português, o heroísmo na mulher ainda se não traduziu num semelhante emprego do revolver. Creio mesmo que o revolver se não inventou para se ir aconchegar em fofos regatos, ou debaixo de sorties de bal entre um leque e um par de luvas cor de perola, ou entre dois frascos de perfumes sobre o setim rosa d'uma elegante pompadour. Estarei eu em erro?...

A primeira vista, contada à cousa abruptamente, quatro bolas à quem roupa no corpo d'um diffamador, disparadas por mero feminino que descançou a amba sem tremer — é grande, é famoso, é heroico! Depois, esta confissão serena e fria do crime, esta confissão da premeditação do attentado, sahindo resolutamente dos labios d'uma mulher offendida em tudo que há de mais santo — na sua honra; este *Envif!* consolador e satisfeito de quem se libertou de sofrer, e que ella soltou quando o infame cahio por terra estrebuchando no proprio sangue. — tudo isto é grande, é famoso, é heroico!

E todas as gazetas no dia seguinte contando o crime com admiração, com espanto, com entusiasmo... Que mulher sublime! Aqui está a verdadeira mulher dos tempos modernos! A mulher emancipada de todos os preconceitos, que saca resolutamente de

sua casa para ir castigar em publico aquele que a ofendeu! A mulher livre pela educação moderna, a mulher verdadeiramente corajosa e verdadeiramente heroica!

E eu creio plamente que as gazetas se enganaram n'essa glorificação de modelo feminino, como eu também me enganei no primeiro instante em que li a notícia do attentado, a uma meza do *Café de Paris*. E os parisenses que estavam próximos da minha meza, com o *Soir* em punho, aplaudiam o heroísmo. E um d'elles, que conhecia Clovis Hugues, falava das qualidades de coração e d'espirito da esposa — «uma mulher modelo, uma mulher como deviam ser educadas todas as francesas!» Felizmente que o não são.

Felizmente, sim, minha senhora, porque neste ataque à honra conjugal, havia uma segunda, ou antes, uma *primeira* pessoa a que só assistia o direito e o dever de fazer justiça por suas mãos (se permitido é fazer justiça quem bem lhe parece!) — e essa pessoa era o marido.

Que papel desempenha elle em toda esta tragédie parisense? A resposta parece-me difícil — tanto mais que o venia applaudir publicamente o procedimento de sua esposa. O que é um facto, é que a tal emancipação moral e a falsa teoria da igualdade dos sexos a levou até ao crime. Ao contrario do que se pode passar n'um drama qualquer, foi elle que desceu ao *primeiro piano* e que disparou sobre o infame. vieram os soldados e prenderam-na. E levaram-na para a cadeia. E o marido ficou a um canto da casa chorar, rodeado d'alguns amigos que o consolavam e applaudiam o heroísmo. Foi elle que atraiu o conhecido beijo a vítima que desaparece entre os bastidores; — foi elle que ficou cuidando da casa e dos filhos.

Reacio que ao contar este scena, vagamente esvoaço um sorriso de justa critica nos labios de minha querida leitora — mas a verdade não ha meio de a sepultar, e não podemos deixar de confessar, apesar de todas as *sympathias* que nos merece madame Clovis Hugues, que se trocaram os papéis, que a esposa fez o que não devia fazer, e o que só ao marido competia fazer.

Lembrete-se gringo de Mexic: — *Quand même* — publicado no numero 10 da Ilustração! Parece-me que é só esse o momento supremo em que a uma mulher é dado pegar n'uma arma. Quando o pac, irmão, marido ou filho monta atravessado pelas batalhas do inimigo, e que só elle existe para defendar, a honra, a casa ou a patria!...

É então e só então que o heroísmo se revela.

Madame Clovis Hugues é uma senhora em quem uma educação livre, a tal emancipação moral, deu em resultado o passar o limiar da sua porta, ocupando-se *masculinamente* das *cousas* exteriores que só pertencem ao homem.

Filha d'un jornalista republicano, esposa de um deputado republicano da extrema esquerda — toma uma parte activa na política, interessando-se como um homem, por todas as questões que se agitam em França.

Faz escultura; mas em vez de trabalhar uma estatua para guardá-la chaminé do seu fogao, pensando apenas na intimo elegância do seu *chef* sol, pensa mais no que poderá dizer Paris dos seus talentos, e todo o seu desejo é ser recebida no *Salon*, e ex-

por, e confiar as suas obras à análise da critica. Por acaso as senhoras no momento em que se decotam estão a pensar no que irão dizer os homens de alvura dos seus homens?

Uma noite assisti a uma conferencia de seu marido sobre os poemas modernos. Clovis Hugues é poeta, discípulo de Hugo. A conferencia prometia ser curiosa. Dir-se-ia algum mal dos *parnasianos*, e muito mal dos realistas. *Luctas literarias de boulevard*. E não foi sem espanto que eu vi a esposa de Clovis Hugues tomar um interesse de publico partidário pela conferencia, apoiando com risos, gestos e moitas palavras, todas as ironias com que seu marido, diante d'uma sala um tanto fria, la crivando poetas de verdadeiro mérito.

E a prova mais terrível do quanto existava essa emancipação moral da mulher, é a deserção da casa, do socio silencioso e casto da família, da tranquillidade do lar, da companhia dos filhos; é a deserção de todo este mundo encantador, e bom que só a mulher sabe compar entre quatro paredes para o homem ali repousar das grandes lutas, e retemperar a sua coragem para o dia d'amanhã; é esta intervenção macilenta nas cousas que lhe não dizem respeito, e que faz com que eu e milhares d'outros sujeitos estejamos n'este momento a occiparmos-nos, a discutirmos e a analysarmos o espirito, as ideias e os sentimentos d'uma senhora, d'uma senhora casada, com quem a critica nada teria que ver, como se analysa e discute o *primeiro* sujeito, seu marido por exemplo, quando têm sede de renome, e entra à literatura com mais um poema, ou ao gabinete Ferry com mais uma verrina aceata da expedição ao Tonkin!

Apante todo o respeito e toda a consideração que me merece este senhor, é toda a sympathy que me inspira a sua causa, não me parece que seja este o verdadeiro modelo da mulher moderna. E parece-me que se anda laborando n'um ero de palavras. Não ha mulher moderna como também não ha mulher antiga! Ha apenas sociedades que sabem educar melhor ou pior os espiritos. Ha um século ainda, era causa regular e como que natural, a escravidão. Hoje todos a repudiam. Antigamente educavam-se meninas para serem esposas de Christo. Hoje pensa-se mais em educar-as para serem esposas do Homem.

As sciencias, artes e industrias entraram tanto no domínio das sociedades contemporâneas e tomaram um tão importante lugar nas cousas ainda as mais simples e mais rudimentares da vida, que em todos os países onde se olha seriamente para a educação intellectual — Alemanha, França, Inglaterra — nenhum rapaz ou nenhuma menina saca das pensos, sem ter ideias geraes sobre todos os phenomenos da natureza e todas as descobertas do espirito humano.

Nos collegios de rapazes esta educação é evidentemente muito mais desenvolvida e muito mais detalhada. Constitui, por assim dizer, a *primeira orientação* — a mais importante sem dúvida — para que depois o rapaz, livremente, analysando a tendencia do seu espirito, siga a carreira que mais lhe convém e para que se sente mais apto.

Nos collegios de meninas o que hoje predomina, e o que ha de sempre mais predominar, é uma educação esthetica, sem um

sim determinado, porque o sim da mulher é sempre o mesmo — ser esposa. Mais tarde é que a sua educação se forma e se completa ao lado do marido. Só do homem depende que a mulher seja boa ou má, ilustrada ou inculta, pretenciosa ou modesta, sympathica ou desagradável.

Se uma senhora nas condições de V.^a Ex.^r resolve formar o seu espírito antecipadamente, ter preferencias por este ou aquelle auctor, applaudir este genero e odiar aquell'outro — mais tarde... ah! *mais tarde* de ha-de-lhe surgir uma serie de pequeninos attritos, terrives e enusticos, difíceis d'aniquilar.

V.^a Ex.^r pode gostar de Feuillet que *elle* detesta, ou de Ohnet que *elle* abomina; tocar ao piano Rossini, quando *elle* só admira Wagner; encher o seu salão com quadros de Cubanel, quando *elle* só pode suportar Manet! No seu gabinete de costura tem um retrato de Caro, e *elle* no seu gabinete de trabalho manda colocar um retrato de Littré. V.^a Ex.^r é pela Monarchia e *elle* pela Republica. V.^a Ex.^r há de ir para o piano tocar o hymno da *Carta*, e *elle*, furioso, pallido, tremulo, no jardim, de perna traçada, a assobiar a *Marselheza*!

Conhece V.^a Ex.^r *O desquite*, uma imitação em verso de Jayme de Seguier da deliciosa comédia de Paulo Ferrer *Chez l'avocat*? A situação é quasi a mesma, a cena é observada espirituosissimamente na natureza — é uma verdadeira obra-prima de critica mundana. Diz *elle* ao advogado:

Sim, porque o meu caro amigo
Que é muito boa pessoa,
Há de crer no que eu lhe digo...
— Nós não casámos à tua.

ELISA

Certamente e por prudencia,
Para evitar discussões,
Tivemos a previdencia
De tomar de antecedencia
As maiores precauções,
— Regulando em numerosas
E importantes entrevistas,
As coisas mais imprevistas,
As coisas mais minuciosas.

HEITOR

N'esse intuito salutar
Houve perguntas aos centos :
— Gosta de divertimentos?
— Gosta de banhos de mar?
— Gosta de sahir de dia?
— De dar passeios no Tejo?
— Sabe da cór a *Judia*?
— E sabe a valsa do *Beijo*?
Felizmente não sabia.

ELISA

Mas por uma imprudencia capital,
Julgando ter previsto quasi tudo,
Esquecemos o ponto principal.

HEITOR

Ah! sim! o ponto grave!

ELISA

O ponto agudo!

HEITOR

Ninho de estereis disputas!

ELISA

Fonte de inuteis combates!

HEITOR

Causa de horriveis debates!

ELISA

Origem de incriveis luctas!

HEITOR

Justiça se nos faça! Veniláramos
As mais graves questões com siso e critica...

ELISA

Mas ai, pobres de nós! Não preguntáramos
As nossas opiniões sobre politica.

HEITOR

Fez-nos o acaso traidor;
Por crueldade imprevista,
A mim, regenerador
E a ella...

ELISA com orgulho

A mim, progressista!

HEITOR

Já d'aqui pode ver o senhor advogado
Qual foi o resultado.
Quando mal se precasta a gente toma fogo
Nas discussões. Ha bulha... algazarra...

ELISA

Alarido...

E entretanto o deus Cupido
Dá ás de Villa Diogo.

*** Sinto que é deveras difícil e deve-
ras delicado indicar a uma senhora quaes
os livros que devem formar a sua bibliotheca! Livros são individuos da vida exte-
rior que só podem entrar n'uma casa, como
um estranho, pela mão do pae ou do ma-
rido.

A educação moral, scientifica ou litteraria d'uma mulher não é a resultante do es-
tudo dos livros, como no homem, mas da
frequencia d'ideias do homem com quem
vive e a quem se acha mais intimamente
unida. E é necessário que se não saia para
fóra do limite do nosso campo d'acção. O
estudo no homem é para que o trabalho se
produza intelligentemente, sem perda d'un
minuto em cousas inuteis. O estudo na
mulher é apenas questão secundaria de
mundanismo, não para com elle fazer o
assumpto das suas conversas e das suas dis-
cussões, mas para poder comprehender
quando ouve. A mulher diante da obra
d'arte diz apenas — *gosto*. Só um imbecil
teria coragem para lhe perguntar — *por-
que?*...

As suas opiniões não tem que vir para
publico no momento em que o seu cerebro
recebe a impressão do objecto exposto. Che-
gam mais tarde. Não, traduzidas pela sua
propria palavra. A mulher não nasceu para
o mundo, nasceu para a familia. Mas tra-
duzidas pelas opiniões e phrases... dos so-
brinhos que ella tem de educar, como
V.^a Ex.^r tão espirituosamente diz na sua
carta.

Repto. É ao homem que cumpre exclu-
sivamente tratar da educação da mulher.
A sua bibliotheca ha de ser a bibliotheca de
sua esposa ou de sua filha. Nenhum hom-
em moderno e nenhum homem de bem
tem na sua estante um livro que uma se-
nhora sem preconceitos não possa ler. E se
elle possue um livro que possa ser esca-
broso, esse livro está guardado — pela
simples razão de que nenhum marido vae
adornar a *etagère* do seu salão, com um
frasco contendo um feto mergulhado em
alcool. Não que seja indecente — mas sim-
plesmente desagradável...

Se todas estas considerações ainda não
bastam, queira V.^a Ex.^r interrogar de novo
o seu respeitoso admirador,

VIDA NOVA

*Na rida que tenho agora
Faco canções rapsólicas;
Inspira-me a luz da aurora,
Le-me a bohemía das rosas.*

*O metro sai-me enfeitado
Da inspiração matutina;
Como de um berço encantado
O rosto de uma menina.*

*Do monte à sombra, dos vales
Xu seio campestre e amigo,
Deslembro passados males,
O triste rirer antigo.*

*Oyo a critica sincera
Das folhas, dos ramos, quando
Apostropho a primavera
Que anda por longe cantando.*

*Logo bem cedo, mal saiu
De casa a ver, em surpresa,
O sol que mama com um raião
No peito da natureza;*

*O madrigal, nos caminhos
Bordados de heras rígidas,
Salta entre o verde dos ninhos,
Canta entre as moitas das rosas,*

*Então, como o deus do Lacio,
Peço um abrigo ás ramagens,
E leio uma ode de Horacio
Aos relhos troncos selvagens.*

*Tudo me arrouba, essa festa,
O bosque, a luz da manhã;
Diante de uma floresta
Sinto a minha alma pagã.*

*Tenho composto um volume,
Uma epopeia, que offerto
Ao prado, ao sol, ao perfume;
Faç o prefacio o deserto.*

*D'aqui niguem mais me arranca;
Vou-me sentido mais forte;
O sol augurios espanca...
Vivamos longe da morte.*

*Levante-se o corpo exangue!
Longe o terror, as paixões!
Borbulhe a estrophe do sangue
Na rigidez dos pulmões.*

*Ahi como é bom ter-se em freute
Da casa em que nós moramos
Um claro jardim florente,
Um verde mundo de ramos!*

*Cada uma d'aqueellas flores,
Que nemos da porta aberta,
Entende das nossas dores,
Fallá á noss'alma deserta.*

ALBERTO DE OLIVEIRA

MARIANO PINA

A ILLUSTRACÃO



CLOVIS HUGUES



A ESPOSA DE CLOVIS HUGUES



RUSIA. UMA CASA DE GELO CONSTRUÍDA SOBRE O NEVA



BRAZIL.—RIO DE JANEIRO.—PRAIA DE IGARAHY (Itapacuriba).

Desenho original do nosso colaborador F. Vilaséu.

AS NOSSAS GRAVURAS

A NATIVIDADE

A composição nascida de Wagner, cujo talento é um dos mais preciosos dos nossos leitores portugueses, sobre um soberbo quadro publicado no primeiro número da ILLUSTRAÇÃO, não tem necessidade de ser explicada. É a piedosa lenda do nascimento de Christo, no que elle tem de mistico e como a representavam os mestres da Idade-média. O desenho de Wagner é uma grande pura de linhas, a mesma *grandeza*, com a exposição, o mesmo gosto no amanuense feito com mais scienzia, que é o domínio da interpretação moderna. Este assunto, tratado centenas de vezes, apresentado sob este novo aspecto, tem todo o encantamento da ilustração de velho missal: obriga a prece e também muitos a rezar.

CLOVIS HUGUES E SUA ESPOSA

A esposa de Clovis Hugues, o brilhante poeta e deputado de Marselha no Parlamento francês, foi a heroína de *esta quinzena* em Paris, e o seu nome tem inúmeras reproduções em todos os jornais de França e do estrangeiro, em consequência da ação que praticou e que muita gente considera de heroica.

Não podíamos portanto fugir ao dever de dar no nosso jornal estas duas physionomias da maior actualidade parisiense.

O assumpto é deveras escabroso, e as causas que motivaram a grande cena, difíceis de compreender do nosso público, onde a malvadez ainda não atingiu, felizmente, este grau de perfídia.

Uma velha senhora quis-se separar do marido. E precisando de provas para fundamentar o seu pedido aos tribunais franceses, foi encarregar um destas agências tão numerosas em Paris que tecem por fim das informações secretas e fazer espionagens — de saber tudo quanto seu marido fazia de fez, que podesse constituir um ataque à fidelidade conjugal. E o director da agência encarregou-se da comissão e começou a fazer as suas pesquisas indignas, meando as mais das vezes para obter dinheiro da velha senhora que jubilava com as informações. E na lista das amantes que o agente apresentou, aparecia o nome d'uma moça, antigo vizinha do marido em questão, e que mais tarde casou com Clovis Hugues.

Imaginem o espanco, do desespero, da incerteza d'este marido que adorava a esposa, quando é intimado a comparecer no tribunal para averiguações, pois que sua mulher estava sendo acusada como amante d'um homem cujo nome elle mesmo desconhecia! E a dor, e o desgosto d'esta pobre senhora vendo o seu nome arrastando pelos tribunais a mais infame e vil das acusações!

Tudo se explica. Mas era necessário castigar o infame agente, e Clovis Hugues intentou contra elle processo por difamação. O tribunal condenou o bandido a dois anos de prisão e dois mil francos de perdas e danos. Mas o reu Morin pôde-se evadir para a Bélgica, e apelou da sentença. E enquanto não chegava o dia da segunda audiencia, o réu Morin, sob o nome suposto de Borel, mandava todos os dias para a Câmara dos deputados de França um bilhete postal liberto, dirigido a Clovis Hugues, e onde se dirigiam ao deputado os ultimos insultos e ondiz se contavam as maiores infâmias a respeito de sua esposa. E na sua própria casa, a esposa de Clovis Hugues recebia também bilhetes postais, cheios de alusões ignobres e de phrases imundas. Era uma situação horrível! Todos os dias estes bilhetes

eram lidos pelos porteiros da camara, e em casa pela porteira e pelas criadas, e havia um trambolho enorme para que alguns d'estes bilhetes infames não fossem por um acaso parar ás mãos dos filhos de Clovis Hugues...

Chegou o dia da audiencia. Estavam presentes o deputado e a esposa, e Morin. Mas o advogado de Morin ainda encontrou um pretexto para pedir o adiamento da audiencia e a audiencia foi adiada.

A saída do tribunal Morin passou em frente de Clovis Hugues, a sorrir ironicamente. Foi n'este momento que a esposa do deputado de Marselha se aproximou de Morin, e tirando um revolver do regalo disparou seis tiros à quem arroupa, metendo quatro balas no corpo do patife, que morreu dias depois.

A sensação que este fatto causou em Paris foi verdadeiramente extraordinaria, e toda a imprensa elogiou o procedimento da nobre senhora que ha dois annos era perseguida pelas mais azedas calumnias *enfias*.

A esposa de Clovis Hugues está na prisão de Saint-Lazare em Paris. Confusão á justiça a premiatio do seu crime, não tendo dado a perceber a seu marido menor das suas intenções. Toda a imprensa francesa é unanime em que não haverá jury que seja capaz de condemnar. Ha de ser uma das causes mais curiosas do nosso tempo, e é por isso que damos hoje os retratos dos dois personagens que restam d'esse drama parisiense.

UMA CASA DE GELO

Postro que o inverno ainda não tenha aparecido verdadeiramente aspero no centro da Europa, nem por isso tem deixado de fazer das suas n'esta Russia dos confins do velho continente.

No numero passado demos o curioso desenho d'um caminho de ferro consumido sobre o rio Neva, para descarrilar as mercadorias de navios que foram surprehendidos pelos grandes géllos. Hoje apresentamos a reprodução dos famosos palácios de que tanto se fala e com tanto esplendor, nos países onde o gelo é cosa rara.

Durante seis meses o Neva gela e apresenta então um aspecto dos mais singulares. Sobre esta superficie gelada traçam-se ruas bordadas de numerosos candeeiros de gaz; armazéns barcaças, fazem-se mercados, e todos os domingos realizam-se brillantes corridas de *droshkis* e de trenóss. Este anno construiram sobre o rio um monumento dos mais curiosos, que consiste num encantador palacio todo feito de blocos de gelo talhados e esculpidos, e que grazia a uma temperatura de vinte graus abaixo de zero, oferecendo a solidez e a resistencia do mais duro granito da Finlândia.

Construiramse muitas vezes palácios de gelo em São Petersburgo. No tempo da imperatriz Catherina, por occasião do casamento do seu filho, esta soberana mandou construir sobre o Neva um palacio de gelo, mas protegido por duas peças d'artilleria, talhadas também no gelo e que, em consequencia da sua solidez, podiam ser carregadas e fazer fogo sem rebentarem.

PRAIA D'ICARAY — (ITAPUCA)

Início distinto colaborador artístico, F. Villaga, com esta felicidade de traço que tanto o caracteriza, oferece-nos *esta* um curioso aspecto de praia d'Icaray, um dos lugares mais pitorescos da bahia do Rio de Janeiro. É o lugar preferido por todos os artistas e por todos os turistas que amam os originais e extravagantes aspectos da natureza.

A praia d'Icaray fica situada em Niteroy, e grande rochedo que se vê ao centro do nosso desenho é a famosa pedra da Itapuca, que dá também o nome à praia.

A ILLUSTRAÇÃO vai apresentar n'este genero uma serie de paginas sobre o Brazil, que estamos certos hão de ser recebidas com prazer pelos nossos numerosos leitores do imperio.

MADONA

Mesmo nesse numero coincidindo com o Natal julgámos do nosso dever oferecer a publico algumas paginas religiosas a um público que, como o nosso, ainda tem bem profundas, as mais puras doutrinas christãs.

E fomos procurar a obra dum grande artista um trabalho verdadeiramente religioso e verdadeiramente poetico. O grupo de Gustavo Doré representando a Virgem e o Menino, cujos braços já se abrem para a Cruz, é uma das obras primas da arte moderna e uma das mais notáveis esculturas do celebre artista que faleceu o anno passado, e que deixou obras colossaes como a Biblia e o Dante que elle illustrou tão maravilhosamente.

No talento de Gustavo Doré a feição religiosa predominou sempre e, ao olhar a sua Madona, ve-se bem que só um artista possuido das mais puras doutrinas christãs poderia produzir grupo tão bello e tão poetico como este.

FRANÇOIS COPPIE

Fazemos verdadeiro prazer em oferecer hoje aos nossos leitores o retrato do ilustre poeta que a Academia francesa acabá de receber solemnemente. François Coppée é um dos contemporaneos celebres que mais sympathias tem adquirido no mundo das letras — e se ha reputações justas e merecidas é esta sem dúvida uma d'ellas. François Coppée é o heroe da quinzena literaria em Paris, como já o foi justamente ha um anno, quando subio á cena no *Odéon* a sua famosa tragedia *Saverio Torelli*, magnifica obra theatrical onde havia scenes que pareciam ter sido desenhadas por Victor Hugo, nos bons tempos do *Hernani* e do *Roi s'amuse*.

François Coppée nasceu em Paris en 1842. Familia obscura de pobres empregados publicos, a sun. A leute portanto, nestas condições, sem padrinho para o presentar ao mundo — foi enorme, e os seus dias de tristeza, de desalento e mesmo de miseria, são comparaveis aos momentos terríveis de Daudet e de Zola quando novos trabalhavam para comer. Mas venceu, e venceu gloriosamente, porque a sua primeira victoria é uma das mais notáveis da poesia contemporânea — quando elle fez representar no *Odéon* a sua celebre comedie *Passant*, onde Coppée se revelou e onde Sarah Bernhardt se revolucionou tambem talento de primeira ordem.

Depois do *Passant* produziu outros trabalhos dramaticos como *Deux Douleurs*, *Abandonnée*, *Rendevous*, *Luthier de Crémone*, *Tresor* e o bello drama intitulado *Madame de Maintenon*. Além das suas produções dramaticas, François Coppée tem uma soberba coleccão de sonetos hoje reunidos numa magnifica edição da casa Lemire. E como prosseguir ja o conhecem os leitores da ILLUSTRAÇÃO pelos dois esplendidos contos publicados nas columnas da nossa revista.

François Coppée pertence ao famoso grupo dos chamados *parnassianos*, de que fazem parte poetas do mais subido valor como Bainville, o autor de *Florim* de que publicámos uma cena no ultimo numero, traduccion do nosso brilhante collaborador Jayme de Seguer — Armand Silvestre, Souliot, Sully-Prudhomme, Catulle Mendes e outros.

Ha mezes foi eleito membro da Academia francesa, e a sua recepcion official realizou-se dia. François Coppée um dos poetas franceses mais apreciados em Portugal e Brazil, e a sua influencia na literatura portugueza tem sido pequena, pois que se podera dizer afi-



A · MADONA · DE GUSTAVO DORÉ



FRANÇOIS COPPÉE

Novo membro da Academia francesa

tamente que as suas poesias influenciaram muito no espírito de Gonçalves Crespo, que foi nos *Miniaturas e nos Nocturnos* um parnasiano à altura dos mais eminentes de Paris, como este de quem damos hoje o retrato.

Mais adiante encontrarão os nossos leitores o fac-símile d'uns versos de François Coppée. É a serenata que se cantava entre bastidores no terceiro acto do *Sévero Torelli*. A physionomia d'um poeta querido é cousa curiosa de conhecer; mas não menos interesse dispõe a sua calligraphia e a sua assignatura. Tratámos portanto de obter um autógrafo do illustre poeta e di o mandar reproduzir para offerecermos esta curiosidade a todos quantos apreciam o seu talento. Proximamente publicaremos um outro conto em prosa de François Coppée.

A ARTE DE SER AVÔ

ACABA de aparecer em Paris uma nova edição de *l'Art d'être Grand-Père* de Victor Hugo, edição magnificamente ilustrada pelos artistas mais celebres da França, e impressa com um grande escrupulo e luxo, com o luxo e escrupulo com que se sabem fazer edições em Paris.

Esta nova edição da obra do poeta saiu das oficinas da Sociedade anonymous de publicações periódicas, das mesmas oficinas onde se imprime a nossa ILLUSTRAÇÃO e o *Monde Illustré* de Paris. É à extrema amabilidade do gerente desta casa, o sr. Moullot, que nós devemos o prazer de oferecer aos nossos leitores alguns specimens das gravuras que ilustram a obra, chamando-lhes especialmente a atenção para este delicioso retrato de creanças, o retrato da celebre Jeanne, a neta de Victor Hugo, que tantas páginas sublimes tem inspirado ao poeta dos *Châtiments*.

É um livro que nos recomendamos a todos que nos lêem, apena cheguei a alguns exemplares nos livreiros de Lisboa e do Rio de Janeiro.

CHRISTMAS

Certos países onde ainda mais se conservam as boas tradições do Natal é sem dúvida a Inglaterra. O Natal deixou de ser a festa da igreja e d'uma religião para se transformar na festa da família, e não há povo sobre a terra que mais feliz se sinta n'este dia de dezembro, como o povo inglês.

O nosso colaborador Mars descreve-nos o alegre Christmas inglês, n'uma série de cenas intimas cheias d'espírito e do entraîn com o só as sabe traçar o elegante parisiense que tem apresentado na ILLUSTRAÇÃO algumas páginas do mais exquisito espírito delicadeza.

Em Inglaterra as festas do Natal celebram-se com verdadeira solemnidade. Uma das cossas abrigadas de todas as decorações, desde o castelo senhorial até ao mais modesto cottage é a verdura, os ramos de pinheiro, os ramos folhudos dos castanheiros, que desempenham um grande papel nas ornamentações do Christmas, principalmente o mistletoe.

Suspendem-no dos lustres no meio das salas, e de cada vez que um gentleman se cruza sob o lustre com uma missa nova e bonita, ou velha e feia, é obrigado a beijá-la.

Encanto bastante doce no primeiro caso;

Dever penoso no segundo... e que às vezes dá lugar ás cenas mais cómicas e ás expressões mais extravagantes.

Pantomima pelos babies, dansas, refelções com chás e puddings, nada faltou á esta festa, e devemos concordar que os ingleses têm mais gosto e mais amor do que nós, que já esquecemos a nossa « missa do gallo » e aquellas deliciosas ceias da meia-noite em Portugal, de que apenas hoje se lembram os que nasceram em terras onde o modernismo ainda felizmente não deu cabo das mais santas e grutas tradições.

SÉRÉNADE

*Tu m'as promis ton baiser
Tous ce soir, ma blonde,
Et je viens de me griser.
D'un rayon de lune.*

*Mais nous faisons ta clarté,
Tous pris que tu Venilly;
Et à l'air, les mûrs d'île,
De Voix sous les feuilles.*

*Nous montons le chemin noir,
Si cha à nos Comœus,
Où l'on entend, sans le voir,
Le song brisé des loups;
Et, pour nous guider, passant
Dans la Nuit obscure,
En mettant sur nos lèvres
Song ta chanson.*



NOITE DE INVERNO

*É n'una noite assim, de um firmamento
Negro, e de um frio que enregela a corta,
Que, em pranto a olhar, releio em pensamento
Toda essa história que supunha morta... .*

*Quando e te inverno atroz, que é o meu tormento
Agora, accus nos batia à porta;
— « Deixa-o, amor! deixa lá fora o vento;
Que o vento ruja ou não, que nos importa? »*

*Dizia; e ao ver-te arfar mais forte o paio:
— « Que importa a chuva ou o sol, se um colo estreito,
Colo mais quente que um vulcão em lava? »*

*E a voz do vento, embora, enchesse a rua...
Eu a do amor te ouvia, que era a tua,
Que hoje não falha, mas que então fallava!*

Rio de Janeiro, 1884.

SILVESTRE DE LIMA.

A DÓR

GUANDO o ultimo orange deu origem ao primeiro homem, e esse homem, chegando a virilidade pôde disfrutar a grandeza da indomável força de seu pai, domada pela bondade hilariante da sua luminosa inteligência, fez um dia a si proprio esta pergunta:

— Em que diffiro eu d'aquelle carrencudo sér, que não fala senão por guinchos e só por contracções grotescas se exprime, que para alegria tem um grito e um hurro para a cólera, que vê morrer os filhos e fugir-lhe a esposa, sem que o invada este desconulado entorpecimento que eu sinto se não remedeio o mal, e se para o que me cerca não encontro explicação?

Elle caminha aos saltos, coberto de pellos e ululante de vinganças, trepando pela nosidose dos caules e enchendo do seu terror feroz as grutas e os maciços das florestas palpitantes de ninhos, pisando sem remorso as corollas mais purpureas e os calices mais olorantes, e não vendo na vastidão opulenta e na chromatica irradiante d'esse mundo alado ou d'esse mundo vegetal, mais que a rôde em que descuidosamente os seus inimigos vem cabir e onde elle faz as suas victimas!

É das diferenças superficiais de estrutura — de eu estar nu e elle vestido de pellos, de elle ter cauda eu não, dos seus pés terem o feitio das sungs micos prehensis, enquanto as minhas plantas se espalham pela asperdício das marchas a que as submetto — é das diferenças apparentes de organismo, que nascem estas discordâncias de natureza — n'elle a secura, a ferocidade, o egoísmo e a inconsequencia — em mim o sagrado terror da responsabilidade, o alcance de vistas que me perturba, a previsão sagaz que me aconselha, e esta commoção sem origem que se entorna no meu corpo, e me tortura ou me entusiasma, conforme provém d'uma necessidade satisfeita, ou conforme provém de um contratempo incipido?

E como se interrogava em voz alta no meio dos castanheiros que as trespadeiras vestiam em amplexos concupiscentes nas suas couraças de folhas, viu surgir dos rochedos negros em que pousava, o velho deus das selvas, alta figura cingida de cachos e coroada de flores, com barbas de musgos e vasta cabeleira de relvas verdejantes.

— Abre a cabeça de teu filho, disse o deus.

O homem tomou o machado de sítex, chamou seu filho, e fazendo-o ajoelhar feriu-lhe o crânio de um só golpe.

— Essa caixa de osso que partiste, e

como a casca lenhosa de certos fructos tropicaes de que te alimentas. Partida a casca, esses fructos revelam a polpa delicada, de extraordinario tecido e exquisito sabor.

— Guarda esse fructo, disse o deus. — E, apôs, com imperio:

— Abre a cabeça de teu pai! ordenou-lhe. O homem encontrou na toca do grande baobab o velho *orango* que lhe dera o sér, acocorado e tropeço, roendo tulos. Deu-lhe as boas noites, pediu-lhe a benção como de costume, e quando o *orango* lhe estendia a mão lanugenta, sentiu na fronte o gume do machado que lhe separava o crânio em duas metades.

— Extrahe-lhe o fructo, tornou o deus, e o homem obedeceu.

— Bem, disse o outro.

E apontando cada um dos cerebros desnudados:

— Este é o cerebro de teu filho, este o de teu pai. Vês que é maior o do pequeno que o do velho, não vês? Agora segue com a tua unha estes arabescos mysteriosos que sulcam a polpa urrancada ao pequeno. Elles desenham o quer que seja de legenda em hieroglyphicos: é a buena-dicha da especie humana.

São us *circumvoluções*, que mal se esboçam no cerebro do *orango* e que os teus levarão mais e mais profunda e profundamente impressas. Até teu pai o cerebro era alguma coisa tosca como o granito; de ti por diante elle lapida-se, depura-se e modifica-se — é a pedra preciosa, caustica na sombra e tenebrosa na luz, dotada de fulgor proprio e propensa a illuminar ao longe os tenebrosos recessos dos instintos que herdaste e tens de transmitir suavisados e aptos á utilidade, pela cultura a que tu mesmo os forcerás. Corta-os ambos em pedaços e examina-os bem. São da mesma materia, tem identica fórmula e parecem do mesmo valor. Mas um é o ferro bruto que o minério distilla do filão recondito, o outro é o ferro dotado de propriedades magnéticas.

Podes chamar áquelle, carvão negro e torvo, se tiveres olhado n'este o diamante lapidado, que scintilla pelos engastes das tuas orbitas como se ardesse vivido na coroa de um rei.

— Comprehendo! disse o homem pensativo.

— Olha melhor esse miolo dos dois fructos descascados. Cada polpa se me figura formada de lobulos ou spheroïdes. É como um continente dividido em nações pelos grandes rios, ou um paiz repartido em districtos pelas grandes estradas reaes. Cada districto é a potencia que rege alguma determinada função do corpo — são as bas-sas. Ha a bossa da memória, a bossa da intelligencia, a bossa da luxuria, a da gula...

E apontando cada proeminencia, o deus chamava-as pelos seus nomes. Algumas que eram salientes na criança, ou mal se esboçavam no *orango*, ou positivamente não existiam (1). Em compensação o cerebro do bruto tinha n'outras, um desenvolvimento colossal a respeito do pequeno. O deus fazia-as comparar miudamente uma a uma.

— Todas as que presidem á direcção de necessidades animaes, instintos ou appetites, são consideraveis em teu pai, dizia elle ao homem. Todas as que se referem ao intellecto são de surprehendente grandeza em teu filho. Eis por que buscas alguma coisa mais na vida que a represâo do teu estomago se tens fome, que a ingestão de agua corrente se tens sede, que o repouso se tens sono, e o coito brutal se a virilidade do teu sexo faz explosão ante a femea que passa, serva obediente da tua crudel-dade ou docil instrumento da tua lascivia!

D'esse instincto, que a natureza institui para povoar os seus continentes e os seus mares, encher de rumor as florestas e de cardumes as aguas, instincto todo grosseiro nos que te são inferiores, tiraste tu os elictos mais doces, as symphonias mais limpidas, os mais castos threnos e as mais scintillantes volatas. Chamaste-lhe o amor, e crystallisando o amor transfizeste-o na adoração. A femea escrava quebraste as alge-mas, não consentindo que os seus pés sungrassem, como os teus rudes pés de luctador, nos abrolhos da selva e nos espinhos da tua edicencia. Da tua rude cabana fizeste um templo, da tua fé um lampadario, uma cupula da tua religião e da mulher o teu deus.

No santuario do teu amor, puzeste o deus, e da cupula do templo o lampadario encheu de esplendores mysticos a tua familiu e a tua alma. Pela adoração domaste a tua força, aprendendo a ser delicado para os fracos, ativo para os soberbos, cruel para os maus, justiciero, generoso e valente! Estas qualidades deve-las á tua intelligencia, fluido singular que emaná d'este lobulo — e apontava — e te destacou dos teus antepassados. Por essa faculdade, dominarias os elementos e os animaes, serás rei e senhor porque o teu braço obedecerá sempre á tua cabeça. Cada geração receberá da anterior um patrimonio de idéas adquirido, entregando religiosamente á que lhe succeder, acrescentado pelos seus esforços, esse patrimonio sagrado e inviolável. A tua ambição será satisfeita, descansa.

— E seré eterno? disse o homem, tremendo aquella idéa.

— Na historia.

— Na vida! Que me importará a historia? Se poderei viver assim sempre, domi-

nando mares e povos, e experimentando cá dentro esta plenitude de seiva que extravasa do meu corpo, e se desenrolha em colos-saes alegrias?

— Não! disse o deus com voz profunda. Morrerás!

— De que me serve então tudo isto? exclamou elle contrahindo a face serena, que uma graça infinita deificava. E erguendo os braços desesperado caiu a chorar a mess-quinhaz da sua condição. O velho deus sorria.

— E qual a bossa, que no cerebro de meu filho corresponde a este horrivel veneno que a tua palavră me faz beber?

O deus apontou-lh'a, dizendo:

— Esse veneno chama-se a Dôr e nunca envenenou teu pai.

— Faize-me então voltar á nativa brateza dos meus, disse o homem. Prefiro a inconsciencia rude do *orango*, a essa intelligencia que illuminando-me a vida me faz d'ella um ergastulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptível e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora.

A voz do deus bradou:

— Jâmais!

E desde então esse animal vaidoso, julgado o mais perfeito e o mais livre dos séres vivos, tornou-se no miseravel escravo que eternamente gema sob o chicote do seu verdugo — esse verdugo que se chama: o Pensamento.

FALHO D'ALMEIDA.

O GARRAFAO

Chiquot, o hotelero d'Épreville, fez parar a carriola diante da quinta da tia Margarida. Era um homemzarrão de quarenta anos, vermelho e barrigudo, e que passava por malicioso.

Prendeu o cavallo á entrada da cancella, e depois entrou para o patio. Tinha umas terras que confinavam com a quinta de velhota e que desejava possuir havia muito tempo. Vinte vezes tinha insistido para as comprar, mas a tia Margarida era obstinada na recusa.

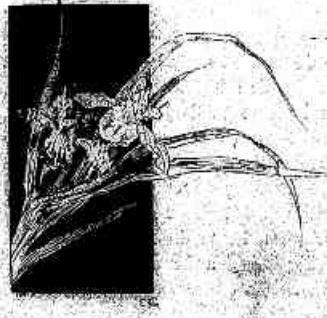
— Aqui nasci, aqui hei de morrer, dizia a velha.

Encontrou-a á porta da ros a depellar batatas. Contava setenta e dois annos, estava secca, engelhada, curva, mas infatigavel como uma rapariga. Chicot bateu-lhe amigavelmente no hombro, e depois sentou-se n'um banco ao pé d'ella.

— Viva lá! tia Margarida, e como vamos de saúde, sempre bem?

— Menos mal, menos mal, e você, sempre rijo?

(1) Faz notar Gratiolet, que as circumvoluções dos mais rudes primates são como o schema das circumvoluções do cerebro humano.



GRAVURAS EXTRAIIDAS DA « ARTE DE SER AVÔ » DE VICTOR HUGO



1. Mamã que acorda. — 2. O incrivel pudding. — 3. À chegada dos pequenos convidados. — 4. Maud e Jane dependurando o mistletoe e o holly. — 5. A eterna e adorável pantomima dos bonecos. — 6. O bolo permitido. — 7. Mrs Dwyer desejava que este fosse mais magro e mais bonito. — 8. A dinner party. — 9. O brinde de master George.

CHRISTMAS, OU O NATAL EM FAMÍLIA. — Scenas da vida inglesa, desenhadas por Marta.

— Assim! assim! algumas dores; se não fosse isso passava às mil maravilhas.

— Antes isso do que estar para ahí entrevado n'uma cama.

E não deu mais palavra. Chicot olhava para quella tarefa. Os dédos aduncos, secos, terríveis, agarravam nas batatas e voltavam-n'as com rapidez para deixar a faca cortar largos pedaços de pelle. E quando a bávara ficava nua, amarela, atravia-a para um marmita cheia d'água. As gallinhas aproximavam-se para tirar os restos do aventure da velha, e depois fugiam, levando os bocados dependurados do bloco.

Chicot parecia contratefeito, hesitante, ancião, tendo alguma cosa lá dentro que não queria sahir. Por fim decidiu-se:

— Ora escute lá, tia Margarida...

— Em que lhe posso ser útil?

— Então a sua quinta, não está disposta a vendel-a?

— Cada vez menos. Não pense n'isso. Está dito e está dito, e não falemos mais em tal assunto.

— É que encontrei um meio que nos conviria a nós ambos.

— Qual é?

— Ora ouça. Vocemecê vende-me a quinta e continua a ficar com ela. Não percebe? Tenha a bondade de me escutar.

A velha parou com a tarefa e encarou o hoteleiro com os olhos muitos vivos de curiosidade.

Elle continuou:

— Eu dou-lhe cada mez cento e cincuenta francos. Esta ouvindo: cada mez tragó-lhe aqui, no meu carro, trinta escudos de cem soldos. E tudo fica como d'antes, tudo, tudo, tudo; vocemecê fica em sua casa, nunca mais pensa em mim, não me deverá causa alguma. Não faz se não receber o meu dinheiro. Que lhe parece o negocio?

Olhava-a com um ar alegre, com um ar de bom humor.

A velha escutava-o com desconfiança, procurando a ratoceria.

Vocemecê não se assustou. Fica na sua quinta enquanto Deus lhe conservar a existência. Não tem que sahir da sua casa. Sómente assigna-me um papelito em casa do tabellião para que depois da sua morte tudo isto me pertença. Vocemecê não tem filhos, apenas sobrinhos com quem pouco se importa... Convém-lhe? Guarda as suas terras até ao fim da vida, e eu dou-lhe trinta escudos de cem soldos todos os meses. O ganho é todo para vocemecê.

A velha ficou surprehendida, inquieta, mas tentada. E replicou-lhe:

— Não lhe digo que não. Sómente quero dormir sobre o negocio. Venha-me falar lá para meios das semanas que vem. Então lhe darei uma resposta.

E o hoteleiro Chicot foi-se embora, contente como um rei que acabase de conquistar um império.

A tia Margarida ficou pensativa. Não pôde dormir n'essa noite. Durante quatro dias esteve hesitante. Desconfiava que n'aquele negocio havia o quer que fosse de má para ella, mas a ideia de trinta escudos por mez, d'este bello dinheiro sonante que viria correr no seu aventure, que lhe cahiria como do céu, sem trabalho algum, tentava-a deveras.

E foi ter com o tabellião e foi-lhe contar a sua vida. Aconselhou-a a que aceitasse a proposta de Chicot, mas que pedisse cincuenta escudos de cem soldos em vez de trinta, pois que a sua quinta valia, pelo mais baixo, sessenta mil francos.

— Se você vive quinze annos, disse-lhe o tabellião, elle só a paga quarenta e cinco mil francos.

A velha estremecê com esta perspectiva de cincuenta escudos de cem soldos por mez, mas desconfiava sempre, receioando mil causas imprevisíveis, tricas ocultas, e ficou ate à boca da

noute a fazer perguntas. Porfim mandou preparar a escriptura, e entrou perturbada como se tivesse bebido quatro canecas de vinho novo.

Quando Chicot voltou para saber a resposta, fez-se rogar durante muito tempo, dizendo que não queria, mas sempre com medo que elle não quizesse dar as cincuenta peças de cem soldos. Porfim, como elle insistisse, indicou as suas preterções.

O hoteleiro teve um sobresalto e recusou.

Então, para a convencer, começou a falar do tempo que ella ainda tinha para viver.

— Isso sim! Não tenho para mais do cinco annos. Já vou a caminho dos setenta e quatro, e cada vez mais acaba. A noute passada até julguei que ia morrer. Perdi todas as forças e fui preciso levarem-me em braços para a cama.

— Historias! Vocemecê está mais rija e mais duradoura que a torre da egrégia. Hada viver pelo menos cento e dez annos. Ainda vocemecê é que me lhe ha de enterrar.

Todo o dia se passou em discussões. Mas como a velha não quizesse ceder, o hoteleiro, por fim, consentiu em dar os cincuenta escudos.

Assignaram a escriptura no dia seguinte. E a tia Margarida ainda exigiu dez escudos como alviçaras.

Passaram-se tres annos. A boa velha continava às mil maravilhas. Parecia que não tinha envelhecido d'um só dia, e Chicot desesperava. Já lhe parecia que pagava esta renda ha mais de meio século, que tinha sido enganado, que o rouvavam, que o arruinavam. Ia de tempos a tempos visitar a proprietaria, como se vae em julho aos campos para ver se os trigos estão maduros e bons para a foice.

Recebía-o com uma certa malícia no olhar. Dir-se-ia que se dava os parabens pela partida que tinha jogado; e elle subia depressa para o carro resmungando:

— Quando é que rebentaráis, minha carcassa!

E não sabia o que havia de fazer. Uma vez so vél-a esteve para a estrangular! Odia-a com um odio feroz, com o odio d'um camponez roubado.

Tratou de descobrir varios meios.

Um dia veio visitá-la, esfregando de contentamento as mãos, como no dia em que se concluiu o negocio.

E depois de ter conversado alguns minutos:

— Olhe lá, tia Margarida, porque é que não vai jantar lá a casa, quando for à Epreville? Murrura-se, diz-se por ahí que já não somos amigos, e isto faz-me pena. Vocemecê já sabe, olhe que lá em casa não paga nada. Não olho a um jantar. Todas as vezes que estiver disposta venha sem receio, porque me dará muito prazer.

A tia Margarida não esperou que elle repetisse o oferecimento e dois dias depois, como fosse à feira na sua carriola conduzida pelo criado, o Celéstino, foi logo meter o cavalo na cavallaria do Chicot, e reclamou o jantar prometido.

O hoteleiro, radiante, tratou-a como uma senhora, deu-lhe uma galinha, boa choarica, boa carne assada e presunto com cōves. Mas ella pouco comia, sóbria desde a infância, tendo sempre vivido com umas sôpas e com um bocadinho de pão com manteiga.

Chicot insistia, desapontado. A velha também não bebia. Recusou tomar café.

Perguntou-lhe:

— Mas não recusa um copinho?...

— Ah! a isso não direi que não.

E gritou com toda a força dos seus pulmões a travez da hospedaria:

— Rosalina, traz cognac, mas do bom cognac, do melhor, ouviste?

E a criada apareceu com uma garrafa de róculo verde e dourado.

Encheu dois copos.

— Ora prove, tia Margarida, é d'ó melhor que se fabrica!

E a boa mulher começou a beber docemente,

nos golinhos, fazendo durar o prazer. Quando despejou o copo, saboreou e disse:

— Sim senhor, é o melhor que tenho bebido em dias de minha vida!

Ainda não tinha concluído a phrase e já o hoteleiro lhe enchia um outro copo. Quis ainda recusar, mas era muito tarde, e saboreou-o lentamente, como o primeiro.

Ele ainda quis que bebesse mais outro copo, mas a velha resistiu. E o hoteleiro para a convencer:

— Ora, ora. Isto é como se fosse leite; eu a minha parte bebo dez, doze, sem dificuldade. Passa como assucar. Nada no estomago, nada na cabeça; só parece que foge pela língua. Não ha nada melhor para a saúde!

Como lhe sabia bem, cedeu, mas só tomou meio copo.

Então Chicot, n'um rasgo de generosidade, exclamou:

— Olhe... pois que a pinguita lhe agrada hei-de-lhe dar um garrafão que tenho lá dentro, só para lhe provar que somos sempre amigos como d'antes.

A boa mulher não disse que não, e foi-se embora, um pouco turva.

No dia seguinte o hoteleiro entrava na quinta da tia Margarida; tirou do carro um garrafão metido n'um cesto de verga, e depois fechou o portão para que visse que era bem do mesmo cognac; e quando beberam cada um trez copos, o hoteleiro disse-lhe á despedida:

— E quando não houver mais, ainda ha mais lá em casa; não faça cerimônias. Não sou homem que olhe a essas coisas. Quanto mais cédo estiver esgotado, mais contente eu fico...

E subiu para o carro.

Voltou quatro dias depois. A velha estava sentada á porta, ocupada a cortar pão para a sopa.

Aproximou-se, deu-lhe os bons dias, fallou-lhe mesmo ao pé do nariz, para lhe sentir o halito. E sentiu um cheiro a alcohol. A sua physionomia iluminou-se.

— Dá-me vocemecê um copo de cognac? disse-lhe elle.

E beberam duos ou trez vezes.

Pouco tempo depois dizia-se pelos casas vizinhos que tia Margarida se embriagava. Ora a levantavam na cordinha, ora no patio, ora pelos caminhos próximos, e era preciso levá-la em braços, inerte como um cadáver.

Chicot deixou de a visitar, e, quando lhe fallavam na velha, murmurava com uma physionomia bem triste:

— Que desgraça, n'aquella idade, tomar semelhantes hábitos! Uma creatura que era um gosto vél-a tão rija e tão saudável... Ainda acaba mal!

E acabou mal, com efeito! Morreu no inverno seguinte, pelo Natal, tendo caido ebria, sobre a neve.

E o hoteleiro herdou a quinta, exclamando:

— Aquella infeliz!... Se não lhe tivesse dado para a bebida ainda teria vivido uns bons dez annos!

GUY DE MAUPASSANT.



ODAS as pessoas que tem questões civis, andamentos de processos e mais assuntos de tribunais a tratar em França devem dirigir-se de preferência ao sr. Director do Contencioso dos quatro Arrondissements, Paris, boulevard de la Villette, 12.

Também se encarregam n'este carlório de todas as quaisquer indicações commerciais.

THEATROS

Tem tem ares de maior sucesso do mez é *Tire-Larigot*, nas Nouveautés, uma nova opéra em 3 actos, mais opereta e mela-magica, onde desempenham os principais papéis Brusseur e Berthelier.

E na verdade o *Tire-Larigot* não é das peças mais feias que se tem visto ultimamente nos theatros de Paris. Tem uma grande qualidade — ser um bocado original. Não digo muito, digo um bocado.

Os autores tiveram o urejo de meter n'esse odeto-homens de sobrecaudas e fracks, e saíram-se bem do arreio. As sobrecaudas sobre a scena não produziram mau efeito, nem tão pouco os fracks, donde se conclui que tanto se pode cantar quando se está vestido pelo alfaiate de Francisco I como pelo mais modesto alfaiate dos tempos modernos. E se da opéra a causa passar a ópera não estamos longe de ver um *Proprieté de parfumeur* chapado de chuva.

O que eu sei é que *Tire-Larigot* com os seus modernismos, ou antes, com a sua democracia de fatos e d'assunto, parece ter caído no agrado dos parisienses, e o theatro das Nouveautés que não sabia o que eram encheres desde o *Dieu et Naïf*, vi todas as noites desaparecerem os bilhetes, com immensa satisfação do director e grande prazer dos contrac-tadores.

E não é só as Nouveautés que nos oferecem uma opéra misteriosa de mistério — é também as *Foïes Dramatiques*.

Este theatro representa actualmente *Rip*, uma opéra extraída d'um romance inglez, d'estas romances inglezes onde ha quasi sempre um moral de convenção para exemplo de meninas e meninos que ainda não deixaram os collegios.

Rip esti n'essas condições e não hesito em dizer que é mais uma opéra para collegios, do que uma opéra para homens. Muito desejoso de meter bons exemplos e a sé moral pelos olhos dos espectadores.

Em todo o caso, posto que a musica não seja famosa, não deixe por isso de possuir dois actos excelentes (o 1º e o 2º) e de proporcionar uma sucessão a Milly Meyer, uma deliciosa actriz de opéra de que os jounnals nas suas aberrações de rectâneas disparatadas parecem ignorar a existencia, mas que o publico de Paris recebe sempre com aplausos, direi messes, com entusiasmo.

O papel mais insignificante representa o d'um moto adorável, e a nota cómica é d'uma individualidade extraordinaria, não se confundindo com nenhuma outra actriz de gênero dos palcos parisienses.

O papel de Rip é desempenhado por um distinto actur do Odéon que acaba de trocar o drama e a tragedia pelo operet — os versos de Racine por um couplet de Offenbach. Pena é que a sua voz o não auxilie extraordinariamente no novo gênero a que se propoz. Em todo o caso o papel de Rip é deveras bem representado, e ha trechos que elle canta com bastante colorido e sentimento.

Rip, rapaz audaz e sympathetic que habita uma província d'America, é casado com uma linda rapariga. Tem porém, um grande defeito. É um refinado mandrião. E vive apenas da caça. Mas proximo da povoação onde elle vive diz a lenda que existe um grande thesouro, e o que é facto é que elle encontrou o thesouro, anuncia a sua mulher que vai ser imensamente rico, e quanto se resolve a ir buscar o ouro, só, durante a noite, no isolamento das montanhas, quando entera a picareta para querer a pedra que oculta tantas riquezas — a pedra cae, e surge um multitudinário espírito. Desvairado, espavorido, com semelhante aparição, assaltado a febre, tem sede e bebe um leitor que lhe ofereceram e que o faz adormecer durante vinte annos.

Nesses vinte annos a esfome morte, a America proclama a independência, quando elle acorda do seu sonho imaginario ter dormido apenas algumas horas, vê as grandes bandas brancas velho, fatigado e roto, tendo um trabalho enorme de imaginação para que o reconheçam na aldeia onde tudo é mu-

dado, oual: Milly Meyer aparece com vinte filhos, tento apresentar-nos n'ho no 2º acto a mais acanhada estimilação todos os presentes de coração.

O acto dos espectros (o 2º) é verdadeiramente phantastico, e é posto em scena com grande cuidado e escrupulo.

Rip é uma peça para fazer carreira não só em Paris, mas tambem em theatros do estrangeiro.

E nos outros theatros de opereta nulla ha de notável. Nos Bouffes Parisiens o *Chevalier Magnan* continua sendo a mais completa sensação, apesar da baixa vontade e do talento do Montebazon, uma das cantoras mais sympathetic e mais estimuladas da opereta, a que criou em Paris o papel de Bettina no *Mascotte*.

Peças como o *Mascotte* é que raroiam nos theatros de Paris. Ao autor mesmo succederam-o que sucedeu a certos românticos que escreveram cinquenta volumes mediocres para acentuar com um bom romance. Em todo o caso qualqur ha algum talento saca-se para fôrca do mediocrento, e o *Grand Mogol* apesar de não ser uma opéra de primeira qualidade é ainda assim uma das melhores coisas que actualmente se representam em Paris.

Nos theatros de comédia rareiam as obras-primas. As *Pâtes de Mouche* de Sardou continuam a viver gloriosamente nos cartazes da Comédie Française — theatre que tem em ensaios a nova peça de Alexandre Dumus filho.

O *Gymnase* depois do extraordinário sucesso do *Maître de Forges* pôz em scena uma comédia Rondé du commissaire que está destinada a subir cedo os cartaz.

O *Vaudeville* sem peça nova que o salve, passa as noites a fazer reprises das comedias de maior sucesso d'estes últimos trez annos.

A *Renaissance* teve o bom senso de pôr de lado o *Inséparable*, uma tragédia insuportavel para pôr em scena uma bonita comédia *Voyage au Caucasse*.

O *Palais Royal* Japonisde ter visto cahir, sem saber porque, uma engraxata comédia em 3 actos *Cupidon*, do autor do *Deputé de Bombance* que esteve em scena na Comédie Française, consegui a ter um sucesso com outra comédia *Les Petites Godin* onde está sendo muito aplaudida a actriz cómica Lavigne que ha annos passou pelo Rio de Janeiro.

A *Pente Saint-Martin* continua a ganhar bons lucros com os *Daniatoff*, de Dumas filho, uma obra-prima do teatro contemporâneo; e tenta pôr em scena proximamente a *Theodice* de Sardou, grande drama d'effets para ser interpretado por Sarah Bernhardt.

O Ambigu passa o seu tempo a levar á scena drámaticas velhos tirados d'assumptos criminais.

As *Variedades* deixou de representar o *Grand Casimir* com Céline Chaumont para levar á scena a tradicional revista do anno, de Wolff, o brilhante chronista do *Figaro*. A peça não é famosa. Mas quando se é Wolff sempre se escrevem doze tirades de bom espírito parisiense, e isto basta para garantir o sucesso.

E o Odéon passa as suas noites a levar á scena um *Macbeth*, de Lacroix, desempenhado por Paul Monet e por Tissandier.

Emfim, a quadra theatrical não é das melhores. E a isto não andou estranho o cholera, este cholera que tanto medo teve o estrangeiro, quando em Paris ninguem d'ele se occupava.

Em todo o caso o estrangeiro teve medo, o estrangeiro fugiu, e isto continuo em parte para a crise que estio atravessando alguns theatros de Paris.

Basilio.

A NOSSA AGENCIA

AVISOS IMPORTANTES

Podemos desde já anunciar aos nossos leitores que a nossa Agencia continuará regularmente os seus trabalhos d'expedições a partir dos primeiros dias do mes de Janeiro.

O nosso serviço foi completamente transformado e alterado com as medidas rigorosas de quarentenas e irregularidades de comum e marítimas com Portugal e Brazil. É por este facto que só hoje podemos expedir mais de cem encomendas que nos foram feitas em diversas épocas pelos nossos estimáveis leitores e que nos foi impossivel, sem grande risco, fazer chegar ao seu destino. Pedimos a todos benevolencia, pois que em breve todos os seus pedidos vão ser satisfeitos.

Mais d'uma vez o nosso jornal ficou sobre o caes, em Bordéus, sem encontrar um navio que o quizesse levar a Lisboa e ao Rio de Janeiro; mas d'uma vez recebemos recomendações do Havre encomendadas que tinhamos feito seguir para Portugal e Brazil.

Hoje o cholera desapareceu e o movimento commercial que foi afectado em muitos milhões vai recomeçar activamente como outrora. O nosso jornal vai ser distribuido com a maxima regularidade, e os nossos trabalhos vão de novo entrar em ordem.

A todas as cartas que temos recebido com indicação de morada respondemos ou responderemos pelo correio para não demorar mais tempo os pedidos dos nossos assignantes. Algumas ha porém, que a não trazem e a essas damos prompta resposta no proximo numero da Ilustração.

Esperemos que o anno de 85 surja mais rasoavel e mais benevolo.

CONTENCIOSO. — Negocios civis e commerciais; correspondencia, cobranças, heranças.

Indispõe: commerciales.

Persegui e defender diante de todos os tribunais franceses.

Administração de propriedades em França.

Escrever ao Director do Contencioso dos 4 arrondissements, 12, boulevard de la Villette, Paris.

PASTA EPILATORIA DUSSE

Pasta liberar o resto do cabelos e penas que sobrem a Pasta epilatoria Dusser é uma crema semigel, e possui ainda a invulgar vantagem de ser, por e de qualquer ação química e por consequência absolutamente inofensiva — a sua fórmula é que é segredo. Pode ser usada em todos os países, pertencentes a Portugal e ao Brasil.

